

## Em preparação ao CAM 4 – Comla 9

# Discípulos missionários e missionárias ad gentes da América Latina para o mundo

### *Apontamentos sobre a missão ad gentes e sua relevância para a caminhada da Igreja no Continente*

Estêvão Raschiatti, sx<sup>1</sup>

A convocação do 4º Congresso Americano Missionário – 9º Congresso Missionário Latino Americano (CAM 4 – Comla 9), a ser realizado de 26 de novembro a 1 de dezembro de 2013 em Maracaibo (Venezuela), é um evento que tem como finalidade específica e prioritária refletir sobre a missão *ad gentes* da América para o mundo.

Hoje a palavra “missão” assumiu uma pletera de significados que abarca toda e qualquer ação eclesial. Por outro lado, nenhuma Igreja pode perder o foco da missão *ad gentes*, aos povos, e da missão *ad extra*, para fora de seu contexto. Essas não são tarefas específicas: são dimensões essenciais que deverão se integrar com a pastoral e a nova evangelização. Não podem de forma alguma “se tornar uma realidade diluída na missão global de todo Povo de Deus” (RMI 34).

A ênfase dada pela Igreja da América Latina e Caribe à nova evangelização acabou ofuscando a importância da missão aos povos para as Igrejas locais. A tentação em considerar que a missão se resolve, afinal, aqui, no nosso meio, que a realidade com a qual temos que lidar já desafia suficientemente a missionariedade de nossas comunidades, que é bem mais importante responder às questões que o *nosso* mundo nos coloca, termina por sufocar o impulso de sair e se doar.

“A preocupação do que está ao redor, o terreno perdido pela secularização e pela concorrência, a ânsia por uma reconquista, nos atormenta e nos deprime, nos introverte e nos envolve numa dinâmica centrípeta, até o fechamento completo em nós mesmos, tanto do ponto de vista confessional como do ponto de vista pastoral”.<sup>2</sup>

Precisamos sair. Se os Congressos Missionários não der um pouco de respiro universal à nossa missão, nenhum outro evento vai fazer por eles, e vamos acabando para ser engolidos pela inércia, o desencanto e o narcisismo. No Brasil, a missão *ad gentes* está sendo colocada demasiadamente (e perigosamente) no escanteio por documentos, congressos, assembléias, prioridades, planos e práticas pastorais.

Aqui nesse texto, procuramos motivar e levantar esse assunto da missão *ad gentes* abordando dez aspectos essenciais, com o objetivo de despertarmos do torpor, entender a importância e pautar nossa caminhada. Para compreender melhor, a cada subtítulo podemos antes colocar: “missão *ad gentes* é ...”

---

<sup>1</sup> Pe. Estêvão Raschiatti é missionário xaveriano, italiano, há mais de 20 anos no Brasil, atualmente diretor do Centro Cultural Missionário de Brasília. É autor do comentário sobre o Decreto Ad Gentes da coleção Revisitar o Concílio, Edições Paulinas, 2011.

<sup>2</sup> RASCHIETTI, Estêvão. *Ad Gentes. Texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 32.

## 1. Vontade do Pai

Do alto da montanha, provavelmente, a mesma das bem-aventuranças (cf. Mt 5,1), o Ressuscitado envia seus irmãos *a todos os povos, ad gentes*: “Ide, portanto, e fazei discípulos todos os povos” (Mt 28,19). O mandato missionário do Evangelho de Mateus é muito explícito. O texto grego diz: “μαθητεῦσατε πάντα τὰ ἔθνη”, “fazei discípulos todos os povos” e não “fazei discípulos *entre* todos os povos”, como encontramos em algumas traduções. Não há nenhum *inter* nesta passagem, nem algo que o justifique, nem na tradução latina da Bíblia Vulgata. A missão do Senhor é inequivocavelmente *ad gentes, a todos os povos*.

Isso poderia parecer um tremendo programa proselitista. Na realidade, contextualizada no Evangelho de Mateus, a passagem adquire o sentido de tornar “irmãos” todos os povos, no caminho discipular indicado por Jesus, que consiste em praticar efetivamente a vontade do Pai: “nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino do Céu; só entrará aquele que põe em prática a vontade do meu Pai, que está no céu” (Mt 7,21).

A vontade do Pai é que nos tornemos irmãos entre nós todos. Não é uma simples questão de religião, é a essência do Evangelho: Deus é Pai, nós somos seus filhos e filhas, irmãos e irmãs “de sangue” entre nós. Ponto. De repente, se abre à nossa frente uma nova visão da realidade, como também uma visão completamente nova de Deus. Com efeito, Jesus nos apresenta um Deus que não pede sacrifícios para si, ele se sacrifica por nós; não pede oferendas, ele oferece a própria vida; não tira o pão da boca dos pobres, ele se torna pão para saciar multidões.<sup>3</sup> Deus revela em Jesus seu rosto profundamente humano, e nele, a humanidade se encontra divina, reunida numa só família. Pela missão, esse Deus Amor convoca todos os povos a participar dessa sua vida plena, que é vida eterna.

É neste sentido então que Jesus convida qualquer pessoa, povo, sociedade a repensar Deus a partir de Ele próprio, dessa sua vida e dessa sua missão, como Filho de Deus e Filho do Homem: “a todos nos toca recomeçar a partir de Cristo” (Dap 12). A partir de Cristo somos chamados a tornar-nos mais humanos, irmãos, discípulos, missionários. Todos os povos são chamados a serem missionários, porque “Missão” é essência gratuita de Deus que sai de si para tornar-se puro dom. Essa é a vocação de qualquer pessoa humana, feita a imagem de Deus, chamada a participar da vida de seu criador. Ele quer que todos nós participemos dessa sua vida, que é vida de verdade.

Os profetas tinham já anunciado a salvação de todos os homens e de todos os povos (cf. Is 2,2-4; 49,6; 60,3; Jr 16,19-20). Para o Evangelho de Mateus a profecia agora se cumpre pela via do discipulado missionário. Para ser salvo, é preciso pôr-se no seguimento de Jesus, entrar em relação com a sua pessoa nos caminhos concretos da missão, na prática da Palavra, na aproximação dos outros e dos pobres. Não há outra possibilidade:

“Uma fé restrita a aclamações litúrgicas e a celebrações rituais da glória divina do Ressuscitado, reduzida a experiências carismáticas e a fenômenos pentecostais, entendida unilateralmente na freqüência de onda do entusiasmo do espírito, recebe neste texto [o mandato missionário de Mateus] dura condenação. O Ressuscitado não nos tira da história, não nos faz exilados nos estratos rarefeitos de espiritualidade desencarnadas, mas nos mergulha no presente, colocando-nos perante à exigência de um empenho concreto de obediência e de amor”.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Cf. MAGGI, Alberto. Perché scegliere Gesù? In: *Testimoni* 3/2010, p. 27

<sup>4</sup> BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 419

## 2. Caminho discipular

Essa perspectiva universal do Evangelho faz parte de sua própria natureza num duplice sentido: a Boa Nova de Jesus é sem dúvida dirigida a todos os povos como ato de aproximação, de encontro, de solidariedade, de esperança, e também como chamado à conversão. Excluir esse *ad gentes* do horizonte eclesial significa, de alguma forma, trair a proposta do Evangelho. “Se nossa missão fosse geográfica, cultural, étnica, socialmente ou eclesialmente limitada e se dirigisse somente a uma pequena clientela de ‘eleitos’, ela se tornaria excludente”.<sup>5</sup> João Paulo II, em sua encíclica missionária, afirma: “Sem a missão *ad gentes*, a própria dimensão missionária da Igreja ficaria privada do seu significado fundamental e do seu exemplo de atuação” (RMI 34).

Poderíamos até dizer, parafraseando: a própria pessoa de Jesus ficaria privada do seu significado fundamental. A esse respeito, o Evangelho de Lucas conta uma história interessante. Logo no começo de sua atividade pública, Jesus vai a Nazaré, a cidade onde havia se criado, entra na sinagoga e levanta-se para fazer a leitura (cf. Lc 4,14-30). Pega a Bíblia, lê o belo trecho de Isaías 61,1-2, “o espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou para anunciar a Boa Nova aos pobres ...”, mas omite as terríveis palavras dirigidas às nações pagãs: “enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor ... o dia da vingança do nosso Deus”, dizia o texto de Isaías (cf. Is 61,2b).

Jesus pára na virgula, não lê essas últimas palavras. Essa omissão foi tão proposital que a “homilia” dele vai toda nessa direção: “havia muitas viúvas em Israel e houve grande fome em toda a região. No entanto, a nenhuma delas foi enviado Elias, e sim a uma viúva estrangeira. Havia também muitos leprosos em Israel no tempo do profeta Eliseu. Apesar disso, nenhum deles foi curado, a não ser o estrangeiro Naamã, que era sírio” (Lc 4,25-27).

Os nazarenos não receberam nada bem as palavras de Jesus, “ficaram furiosos” (Lc 4,28). Pois, Javé não era o *nosso* Deus? Não era só *para nós*? O Messias não devia se vingar contra os *nostros* inimigos? Como é que agora vira a casaca, trai a luta de seu povo e se torna salvador dos *outros*? Não tinham entendido – e custaram muito a entender também os próprios apóstolos – que Jesus, Filho do Homem e Filho de Deus, não veio só para Israel, mas para todos. Não há mais vingança contra ninguém.

Por este caminho também o discípulo é chamado a se tornar como o mestre (cf. Lc 6,40). No monte das bem-aventuras, Jesus expõe a cartilha do discípulo missionário. Cinco são as exigências do seguimento, apresentadas numa progressão, como se a própria montanha representasse uma autêntica escalada: (1) alimentar uma fraternidade radical (cf. Mt 5,21-26); (2) garantir uma fidelidade abnegada (cf. Mt 5,27-32); (3) comprometer-se com a verdade franca e singela (cf. Mt 5,33-37); (4) passar da reciprocidade à gratuidade (cf. Mt 5,38-42); (5) viver uma universalidade sem limites (cf. Mt 5,43-48). O amor aos inimigos é colocado no topo desta montanha de onde Jesus envia seus discípulos a todos os povos. Essa deve ser a característica que distingue os discípulos e aponta para a perfeição do Pai (cf. Mt 5,46-48).

---

<sup>5</sup> SUESS, Paulo. Contextualidade, gratuidade, universalidade. Discernimentos, tarefas e respostas da comunidade missionária no mundo globalizado. CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEIO SCALABRINIANAS, Profetismo e identidade apostólico-missionária da irmã scalabriniana. II Seminário Congregacional sobre Pastoral para Migrantes e Refugiados. Brasília: Centro Scalabriniano Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM), 2001, v. , p. 262

A missão universal realiza de maneira plena o discipulado. É o máximo do amor possível. Por isso, a dimensão universal da proposta cristã representa um clímax de todo Evangelho.<sup>6</sup>

### 3. Mãe da Igreja

Estudando atentamente os Atos dos Apóstolos descobrimos outra coisa muito importante: essa missão *ad gentes* não diz respeito só à missão em si, nem somente à identidade mais profunda de Jesus e de seus discípulos. A missão *ad gentes* tem a ver com a origem e a identidade da própria Igreja.

Em sua obra magistral sobre teologia da missão<sup>7</sup>, Stephen Bevans e Roger Schroeder sustentam que a Igreja nasce de verdade no momento em que compreende e aceita a missão aos povos até os confins da terra. Com efeito, no começo dos Atos, a comunidade dos discípulos (dispersa depois da captura de Jesus, mas novamente reunida na fé de que Ele ressuscitou) vê a si mesma como o verdadeiro Israel, como um tipo de espiritualidade, de movimento religioso ou de seita *dentro* do judaísmo, sobre o qual incumbe a manifestação do Reino de Deus (cf. At 1,6). Durante 40 dias o Ressuscitado aparece para lhes falar sobre o Reino de Deus. No final, os discípulos perguntam: “Senhor, é agora que vai restaurar o Reino para Israel?” (At 1,6). Não tinham entendido nada: a perspectiva deles era restrita apenas ao povo de Israel.

Mas com o proceder do livro, a comunidade começa a tomar consciência lentamente, e também dolorosamente, que está acontecendo alguma coisa de diferente, ao passo que o Espírito a “empurra” e a “conduz” a incluir os samaritanos, os prosélitos, os “tementes a Deus”, os pagãos mercedores e enfim os pagãos em massa.

Sete são as etapas do nascimento da Igreja em resposta à missão que lhe foi confiada: (1) antes de Pentecostes, encontramos um grupo acanhado aguardando a restauração do Reino de Israel (cf. At 1,6); (2) em Pentecostes, o Espírito desce sobre os apóstolos que começam a anunciar, mas somente aos judeus (cf. At 2,5); (3) com a pregação de Estevão começa avançar a convicção que o Evangelho precisa ir mais além (cf. At 7); (4) Felipe prega na Samaria e converte o eunuco etíope (cf. At 8); (5) Pedro encontra o centurião Cornélio e o Espírito desce também sobre os pagãos (cf. At 10); (6) em Antioquia, o Evangelho é anunciado também aos pagãos e os membros da comunidade recebem o nome de “cristãos” (cf. At 11,26); (7) a Igreja recém-nascida, como organização distinta da sinagoga, se molda aos poucos em torno da tarefa missionária *ad gentes*, para constituir uma comunidade multiétnica e multicultural (cf. At 13-28).

Mesmo que a missão junto ao judaísmo não vem menos, torna-se sempre mais claro que o futuro deste novo caminho não conduz ao judaísmo, mas ao mundo inteiro como uma nova realidade profética. Os discípulos de Jesus não se reconhecem plenamente como Igreja, como realidade separada do judaísmo, até não reconhecer de serem chamados para uma missão universal, sem fronteiras: esse é o ponto que os deve distinguir. Num sentido realístico, portanto, “Pentecostes”, contrariamente ao que se diz normalmente, não foi o “dia do nascimento da Igreja”: esta nasce somente quando os discípulos de Jesus tomam consciência de serem chamados além de si

---

<sup>6</sup> Para um aprofundamento desta perspectiva veja: RASCHIETTI, Stefano. Ser e fazer discípulos missionários. Uma leitura do Documento de Aparecida a partir do mandato missionário de Mateus. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 268, p. 929-948, out. 2007.

<sup>7</sup> BEVANS, Stephen B.; SCHROEDER, Roger P. *Teologia per la missione oggi. Costanti nel contesto. Constants in context*. Tradução Giorgio Volpe. Brescia: Queriniana, 2010. Título original: *A Theology of Mission for Today*. Maryknoll: Orbis Book, 2004.

mesmos, a ir a todos os povos, até quando (na formulação de Paulo) “chegue a plenitude das nações” (Rm 11,25).

Nesse sentido a missão *ad gentes* é “a mãe da Igreja”. Literalmente, a missão gera a Igreja. Antes da missão não tinha “Igreja”: tinha um grupo judaico no meio de outros grupos judaicos, que aguardava ansioso à restauração do Reino de Israel. A missão *ad gentes*, a todos os povos, é agora a grande tarefa que une os discípulos, os alimenta, focaliza suas energias, cura seus pecados e oferece a eles um desafio e uma visão: “a comunidade cristã deve a própria origem ao anúncio apostólico do evangelho e a própria vitalidade ao perpetuar-se deste anúncio”.<sup>8</sup>

O que emerge claramente, portanto, é que a Igreja é “missionária por natureza” desde as origens. Em outros termos, a missão é *anterior* à Igreja e constitutiva de sua própria existência. Essa natureza missionária da Igreja surge no momento no qual a comunidade, orientada pelo Espírito, entra em contato com os outros.

#### 4. Testemunho de gente simples

O livro dos Atos dos Apóstolos conta somente uma parte da história das origens da missão cristã, ou melhor, uma história paradigmática de cunho teológico, que provavelmente traça uma trajetória de tantas outras. Não temos notícias, por exemplo, de qual foi a origem da comunidade de Damasco (cf. At 9,19), de quem fundou a comunidade de Putéoli (cf. At 28,14) ou de Roma (cf. At 28,15), o que aconteceu ao eunuco etíope “que prosseguiu sua viagem cheio de alegria” (At 8,39) ou às comunidades da Samaria (cf. At 8,14).

O fato é que os discípulos foram por toda parte, diz os Atos, a partir da perseguição que começou em Jerusalém contra os judeus de origem grega, depois da execução de Estevão (cf. At 8,1). Essa saída é constitutiva da própria Igreja: ser igreja é ser em missão. A vitalidade e a existência da comunidade cristã é algo que depende continuamente de um ir além de si mesma, além das próprias fronteiras dos próprios contextos. A sobrevivência do cristianismo sempre dependeu da transmissão intercultural: motivo de certos declínios da presença cristã em algumas áreas do globo, se deve ao fato das comunidades deixarem de ser missionárias.<sup>9</sup> A urgência da missão diz respeito à constante urgência da mudança, da adaptação e da tradução: em outras palavras à permanente abertura ao novo e ao outro.

Foi assim que o cristianismo espalhou-se rapidamente em diversas maneiras no Ocidente como no Oriente. No império romano, missionários itinerantes levaram a Boa Nova até os extremos do mundo então até conhecido, mas foi o testemunho exemplar de muitos cristãos dispostos a morrer pela própria fé, a tornar-se fator determinante para a adesão das pessoas. No momento em que o cristianismo passou decididamente do mundo judaico para o mundo grego, a igreja trouxe proveito da rede de comunidades judaicas da diáspora, já instaladas há tempo nos diferentes contextos sócio-culturais do império romano.

Ainda mais, além das fronteiras romanas, o Evangelho seguiu os caminhos do comércio e das migrações, alcançando de maneira surpreendente terras ainda mais longínquas como a Índia e, poucos séculos mais tarde, a China. Na África, o cristianismo estava presente e permaneceu desde a época apostólica em países como Egito, Sudão e Etiópia, pela ação de pessoas influentes (cf. At 8,27) e pela evolução do movimento monástico.

---

<sup>8</sup> MOLTMANN J. *La chiesa nella forza dello Spirito: contributo per una ecclesiologia messianica*. Brescia: Queriniana, 1976, p. 275.

<sup>9</sup> Cf. BEVANS, p. 193.

Uma das principais idéias erradas que temos sobre a história do cristianismo é que esse teria sido uma religião ocidental, quando na realidade durante os primeiros mil anos era mais difundido na Ásia e na África do que na Europa. Somente pouco antes do século XVI o Ocidente tornou-se o coração da cristandade.

O que salta aos olhos nesta primeira expansão cristã, é que foi realizada principalmente por pessoas comuns que não dependiam de alguma liderança. Com certeza, não faltaram evangelizadores que proclamavam explicitamente a Boa Nova, particularmente missionários e monges itinerantes, mas foi prevalentemente o testemunho informal, alegre e cotidiano dos simples cristãos que atraiu novos discípulos. Era algo que vinha de dentro dos corações, quase como um impulso entusiasta de vida que se comunicava por si no dia a dia, nos encontros entre as pessoas, nos bate-papos.

Essa comunicação informal contava com uma rede familiar de relações bastante aberta e inclusiva, mas também se ampliava pelos mercados e pelas redes sociais de comunicação. Na época do império romano existia uma extraordinária mobilidade de comerciantes, artesãos, migrantes, soldados e escravos, que iam e vinham por um excelente sistema viário. Mesmo assim o papel mais relevante para a evangelização foi o da casa de família, que reunia familiares, escravos, funcionários, vizinhos, onde aconteciam reuniões, debates, catequeses e celebrações litúrgicas.

O cristianismo dos primeiros séculos foi um fenômeno urbano, capilar e doméstico. Na época, como também muitas vezes hoje, a vida nas cidades era particularmente difícil, precária, marcada por epidemias, misérias, violência, conflitos sociais de todo tipo. As comunidades cristãs davam um testemunho de forte pertença, fraternidade e igualdade entre os membros, e organizavam serviços à sociedade na cura aos doentes, no abrigo aos órfãos, no socorro aos pobres, sem discriminações e sem exclusões, acolhendo a todos. Era uma nova comunidade que anunciava um novo tipo de sociedade, uma nova ética e uma nova fé, ganhando adeptos não por proselitismo, mas pela admiração (cf. *DAp* 159).

Os novos adeptos eram introduzidos na comunidade por um caminho catecumenal, e tornavam-se por sua vez missionários pelo sacramento do batismo, ministrado junto à eucaristia e ao crisma na Vigília Pascal, depois de uma iniciação prolongada e exigente.

## **5. Profecia versus conquista**

No século IV, como sabemos, o cristianismo tornou-se religião oficial do império. Deste momento em diante, a Igreja começou a lidar com situações de estreita aliança com o poder político, no assim-chamado regime de cristandade: o rei se torna cristão, todo mundo há de se tornar cristão. Estima-se que na época do imperador Constantino, ao qual se deve essa mudança nas relações entre estado e Igreja, 10% da população do império já havia-se tornado cristão: um crescimento fora do comum. Contudo, o restante 90%, de agora em diante, devia-se tornar cristão por decreto.

Começaram assim as conversões em massa, sempre apontando primeiro à conversão do rei. O catecumenato foi aos poucos abandonado para dar lugar à instrução religiosa pós-batismal. A ação missionária passou da cidade ao campo, onde estava a maioria das pessoas a serem instruídas e catequizadas, desta vez por obra não dos simples cristãos, mas dos monges e das monjas. Enfim, o movimento cristão estruturou-se em sua organização hierárquica como verdadeira instituição, elaborou e afinou sua doutrina por meio de concílios ecumênicos, encontrou em Roma o seu centro espiritual e disciplinar.

O protagonismo da vida religiosa monástica nesta fase da história da missão, levou a pensar à missão como uma vocação particular, mais que como parte essencial das promessas batismais.

Contudo, a atuação dos religiosos, sobretudo no meio dos povos germânicos e saxões, colocou em evidência o aspecto do testemunho profético próprio do discipulado missionário. Eram homens e mulheres enviados às fronteiras do império, trabalhavam a terra como os camponeses, tinham uma conduta de vida exemplar, conjugavam vida de oração com a ação manual e intelectual. Eram discretos, silenciosos, perseverantes, humildes, zelosos, inculturados e cultos: gente de grande visão. Por tudo isso, e por muito mais, eram admirados pelo povo e o povo com eles se identificava. A obra deles reconstruiu e sustentou a sociedade européia depois da decadência do império romano.

Apesar de tudo disso, nesse novo contexto, a conversão das pessoas começou lentamente a assumir os tons de uma coerção forçada. “*Compellere intrare*”, “obriga-os a entrar”, era o grito de guerra lançado por Agostinho contra os donatistas.<sup>10</sup> A passagem era tomada da tradução da Bíblia Vulgata de Lc 14,23: “obriga-os a entrar”, teria dito Jesus na parábola em que transeuntes eram convidados (obrigados) a participar do banquete. Os adversários do frei Bartolomé de las Casas, defensor dos índios na América espanhola no século XVI, desafiaram o dominicano a interpretar essa frase do Evangelho para explicar métodos de aproximação um tanto complacentes com os “selvagens”. Segundo esses teólogos, abordagens empáticas não teriam encontrado fundamento nas Escrituras!

Foi assim que, pelo menos desde Carlos Magno (+814) ao longo de toda Idade Média, o anúncio do Evangelho *ad gentes* concretizou-se em guerras santas e justas que arrasavam e impunham com a espada os povos não-cristãos. Na experiência fundante do “Novo Mundo”, a descoberta da América no final do século XV, a missão cristã foi mais uma vez cúmplice e parceira estratégica de uma aventura sangrenta de desencontro, de domínio e de negação do outro. “Fora da Igreja não há salvação” declarava o dogma da Igreja contra os infiéis.<sup>11</sup> “Salvar almas do fogo do inferno” era a convicção granítica dos missionários que usavam de todos os meios, e sacrificavam suas vidas, para batizar o maior número possível de pagãos.

A própria palavra “missão”, enquanto termo técnico de uma atividade específica de difusão da fé entre os não cristãos, surge nesta época de expansão e de conquista do Ocidente, a partir da descoberta da América, graças aos jesuítas, para caracterizar a evangelização entre os pagãos, contemporaneamente e conjuntamente aos projetos coloniais espanhóis e portugueses. Os laços entre a conquista espiritual e os interesses seculares eram tão estreitos que figuras como José de Anchieta puderam afirmar: “por isso nenhum fruto, ou ao menos pequeníssimo, se pode colher deles [os indígenas], se não se juntar a força do braço secular, que os dome e sujeite ao jugo da obediência.”<sup>12</sup>

A missão, assim como a conhecemos, surge com a colonização e está definitivamente encravada na conquista, como se fosse a continuação moderna das cruzadas medievais. Os muitos exemplos de missionários abnegados que resistiram corajosamente à arrogância das potências coloniais e de suas políticas, não mudaram infelizmente o quadro geral.

---

<sup>10</sup> Os donatistas (cujo nome advém de Donato de Casa Nigra, bispo de Cartago) constituíram um grupo considerado herético e cismático. Eram moralmente rigorosos, e sustentavam que a Igreja não devia readmitir cristãos que negaram sua fé durante as perseguições. Os donatistas encontraram em Agostinho um adversário inflexível, e foram suprimidos com a força.

<sup>11</sup> Dogma do Concílio de Florença, 1441.

<sup>12</sup> ANCHIETA, J. de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1988, p. 55.

## 6. Penitência e discernimento

O Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopato Latino Americano e Caribenho em Aparecida (DAP), ao abordar o tema da missão, convida todas as comunidade cristãs a uma conversão pastoral e renovação missionária.<sup>13</sup> É preciso antes de mais nada: “abandonar as estruturas caducas que já não favoreçam a transmissão da fé” (DAP 365).

Podemos nos perguntar se entre essas “estruturas caducas” não esteja também a missão *ad gentes*, assim como a conhecemos a partir do percurso sofrido do continente americano: afinal, de que “missão” estamos falando? De uma missão entendida a partir do regime de cristandade, como um *ad extra* geográfico, marcada por uma trágica presunção exclusivista, com o objetivo de expandir, conquistar e implantar a Igreja no mundo? É essa a missão que nós queremos? Podemos ficar entusiastas com uma missão desse tipo? Será que uma certa idéia de missão não contagia também a nova evangelização, como missão *ad intra* em países de antiga e nova tradição cristã (cf. RMI 33), onde os destinatários são chamados freqüentemente de “afastados”? “Afastados” do que? Da Igreja, evidentemente, que permanece no centro de uma cosmovisão absolutamente auto-referencial, egocêntrica e intransigente. Nessa mentalidade, nem se cogita que é a própria Igreja que, de fato, anda muito afastada do povo!

Portanto, de que maneira é possível falar hoje de “renovação missionária” das nossas comunidades se a própria noção de missão está profundamente equivocada? Pelo mesmo crivo passam também os pilares fundantes da teologia da missão: a unicidade da salvação em Cristo e a necessidade da Igreja. Seriam também esses conceitos “estruturas caducas” a serem abandonadas? A pretensão universalista cristã está baseada na proclamação de um único e verdadeiro Deus, e na adoção de meios específicos para a salvação. Por outro lado, se tirarmos esses dois conceitos chaves, não há mais qualquer razão para a missão e nem para a existência da própria Igreja. Como então reafirmá-los, evitando qualquer fundamentalismo e exclusivismo, diante de um mundo secularizado e pluricultural que nos desafia a esse respeito?

A reflexão teológica e a prática missionária juntam-se nesta busca a partir da convicção que Cristo e Igreja permanecem um mistério de fé. Participamos deste mistério na medida em que nos aproximamos sempre mais através de nossa compreensão, nossa prática e nossa missão. Compreender a missão não como atividade ou território, mas como “essência” de Deus e da Igreja, significa participar de uma prática jesuana de proximidade aos outros e aos pobres, para comunicar vida em termos de humanidade, compaixão, gratuidade, fraternidade sem fronteiras como caminho de salvação. “Fora do dom da vida (acolhido e oferecido) e da fraternidade não há salvação”, diria o DAP com outras palavras (cf. DAP 359 – 360).

O caminhar da missão em direção ao Reino é sempre um caminhar no Espírito que exige um trabalho permanente e penitencial de discernimento entre desejo, esperança, riscos a serem assumidos e realidade. Esse discernimento é feito a partir das origens do caminho de Jesus, e constitui o elemento essencial para não confundir a fidelidade ao Senhor com a fixação em modelos historicamente limitados.<sup>14</sup> As estruturas caducas que precisam ser abandonadas, estão sedimentadas no profundo de uma consciência eclesial, que foi se formando ao longo de um caminho feito de trigo e de joio, de erros e de acertos, de tributos a pagar pela contextualidade e historicidade da própria Igreja. Qual santa e pecadora, não faltaram deficiências e ambigüidades

---

<sup>13</sup> Para um aprofundamento deste tema veja: RASCHIETTI, Stefano. A missão *ad gentes* no Documento de Aparecida. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 275, p. 642-675, jul. 2009.

<sup>14</sup> Cf. KRAUTLER, Erwin. La Iglesia local, protagonista de la misión. Em: *Memórias del COMLA VI – CAM I*. Buenos Aires; Obras Misionales Pontificias, 2001, p. 129.

por parte dela (cf. DAp 98). Por isso necessitamos de uma ação insistente, paciente e participativa de mudança de mentalidade da qual possam surgir uma nova maneira de pensar, de agir, de acreditar, de caminhar e de sonhar para continuar a semear a esperança do Evangelho no meio de todos os povos.

## 7. Saída e conversão

A missão *ad gentes* consiste no seguinte: não podemos esperar que as pessoas venham a nós, precisamos nós ir ao encontro delas e anunciar-lhes a Boa Nova ali mesmo onde se encontram. Esse princípio parece quase óbvio. No entanto, na prática, a Igreja sempre teve a tentação de evangelizar os povos a partir de sua própria condição, permanecendo em seu lugar, a partir de sua própria cultura, enviando e delegando seus missionários, mas sem se envolver num movimento de saída e de inserção nas situações que desejavam evangelizar.<sup>15</sup>

A dinâmica da missão implica sempre um *sair ao encontro*. Missionário não é aquele que acolhe, mas é o *acolhido* pelo outro: ele não é o dono da casa, mas o hóspede. Missão é um termo que hoje serve um pouco para descrever toda ação da Igreja. No entanto, não podemos perder de vista o que *especificamente* se entende com isso, pena esvaziar o seu sentido. A palavra “missão” vem do latim “missio” que quer dizer “envio”. *Ad gentes*, aos povos, nos lembra ainda mais que somos nós que devemos ir, e não os outros vir até nós, tanto de um ponto de vista físico, como também de um ponto de vista cultural e simbólico: nós somos enviados a irmos ao encontro dos outros.

Uma Igreja enviada é uma Igreja que está fora de casa, que faz a experiência radical do seguimento, do despojamento e da itinerância, como companheira dos pobres (cf. DAp 398) e como hóspede na casa dos outros. O discípulo é essencialmente um peregrino e um enviado que redefine suas relações deixando casa, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, campos, por causa de Jesus. Esse Jesus disse: “Eu sou o Caminho” (Jo 14,6) e não: “Eu sou a chegada”. Esta identificação de Jesus com o caminho foi algo de marcante para a constituição das primeiras comunidades cristãs (cf. At 9,2).<sup>16</sup> Diz respeito a uma Igreja que continuamente sai de suas relações para fazer outras relações, que não se contenta com a chegada, mas que faz do caminho sua verdadeira morada. Por isso a Igreja é chamada a desinstalar-se: “a Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente” (DAp 362).

Isso corresponde a uma verdadeira conversão para as nossas comunidade demasiadamente plantadas: “nós somos agora, na América Latina e no Caribe, seus discípulos e discípulas, chamados a navegar mar adentro para uma pesca abundante. Trata-se de *sair de nossa consciência isolada* e de nos lançarmos, com ousadia e confiança (parrésia), à missão de toda a Igreja” (DAp 363). A conversão pastoral e a renovação missionária da qual fala o DAp em suas páginas centrais trata substancialmente de uma *saída*. Na saída de si, do círculo da própria comunidade e dos confins da própria terra, se realiza para a Igreja essa conversão. Paradoxalmente, o tema da conversão antes de ser dirigidos aos destinatários da missão, é curiosamente apontado pelo DAp como exigência fundamental para a própria Igreja e de todos seus sujeitos .

---

<sup>15</sup> Cf. COMBLIN, José. *Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 38.

<sup>16</sup> Cf. SUESS, Paulo. Migração, peregrinação e caminhada. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 238, p. 309, jun. 2000.

Cinco são as perspectivas de conversão missionária para a Igreja da América Latina e Caribe. A primeira é a saída das estruturas (cf. *DAP* 365), como já vimos. O envio missionário é expressão de uma ruptura com um envolvimento sistêmico, com enquadramentos estruturais e institucionais, políticos e culturais, seculares e religiosos. A gratuidade que gera a missão produz soltura, abertura, liberdade, além de todas as fronteiras. Não é por acaso que na história da evangelização e na própria cultura missionária sempre houve uma certa complacência com a liberdade dos missionários em relação a leis e normas da Igreja.

A segunda conversão é das pessoas (cf. *DAP* 366): elas precisam sair de si. Essa conversão toca o coração, e desafia a capacidade das pessoas de se deixarem tocar e interpelar pelas situações. A missão nasce sempre de uma *compaixão*, que por sua vez surge de uma visão e de uma escuta (cf. Ex 3,7-8; Mt 9,36). É preciso, portanto, *sair de si mesmos* para pôr-se nessa disposição de profunda atenção e contemplação da realidade, particularmente dos pobres e das vítimas, dos crucificados e dos injustiçados.

A terceira saída é das relações (cf. *DAP* 368): é preciso sair de um esquema excessivamente hierárquico-institucional para uma prática de autêntica fraternidade, onde somos chamados a sentirmos igualmente irmãos e irmãs entre gêneros, culturas, pessoas, povos e ministérios diferentes, acreditando que é possível um verdadeiro diálogo aberto entre as pessoas, povos e culturas, apostando num espaço comum de coexistência fraterna onde todos são reconhecidos.

A quarta conversão é das práticas pastorais (cf. *DAP* 371), porque somos convidados também a transformar também o nosso agir saindo de práticas pastorais corriqueiras, sacramentalistas e conservadoras. Uma pastoral de conservação apenas *repete*, ano após ano, as mesmas atividades, sem reflexão, sem *pensar* na missão: “nesse contexto, a história não se faz, se padece, mergulha-se num eterno recomeçar, numa história cíclica, tecida pela rotina da sobrevivência no cotidiano, condenando a pastoral a ‘vegetar’, uma pastoral de manutenção, a uma ação aistórica e, a longo prazo, anti-histórica”.<sup>17</sup>

Enfim, a quinta conversão é a saída das fronteiras: “o mundo espera de nossa Igreja latino-americana e caribenha um compromisso mais significativo com a missão universal em todos os Continentes. Para não cairmos na armadilha de nos fechar em nós mesmos, devemos formar-nos como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir ‘à outra margem’, àquela onde Cristo ainda não é reconhecido como Deus e Senhor, e a Igreja não está presente” (*DAP* 376).

## 8. Paixão pelos povos

Se a missão *ad gentes* tem a ver diretamente com essas cinco saídas-conversões, é nessa última, a saída das fronteiras, que ela se realiza plenamente.

Para uma Igreja que se propõe uma decidida conversão missionária, a seguinte passagem do Decreto *Ad Gentes* pode ressoar um tanto intrigante e desafiadora: “a graça da renovação não pode crescer nas comunidades, a não ser que cada uma dilate o campo da sua caridade até aos confins da terra e tenha igual solicitude pelos que são de longe como pelos que são seus próprios membros” (AG 37). O Vaticano II aponta para a dimensão universal da missão como fator determinante para uma verdadeira conversão entendida como *saída*.

Em que medida isso faz sentido para a nossa realidade? A saída de si tem como horizontes últimos os confins da terra. É sempre um andar “extrovertido” além de todas as fronteiras. Como

---

<sup>17</sup> BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 202.

dissemos, essa universalidade não significa “tarefa específica”: ela diz respeito à própria essência e à dinâmica da missão.

No entanto, o número de missionários e missionárias além-fronteiras do Brasil para o mundo é bastante exíguo. A passagem do *receber* dons de outras igrejas ao *dar* com gratidão é marcada por fortes resistências. O motivo principal de certa introspecção parece ser a urgente preocupação com a missão *ad intra* no nosso país, apesar de alguns documentos da CNBB convidarem a superar também essa dificuldade.<sup>18</sup>

De que maneira podemos suscitar em nossos batizados e em nossas comunidades uma abertura verdadeiramente missionária sem uma perspectiva genuinamente *ad extra*, sem fronteiras, católica, atenta e sensível ao mundo todo? Sem esse respiro, sem paixão pelos povos, sem compaixão pela humanidade inteira, corremos o risco de cairmos numa dinâmica centrípeta e, afinal, egocêntrica, traíndo a missão e o espírito do próprio Evangelho.

“Sejam sempre capazes de sentir profundamente qualquer injustiça praticada contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. Essa é a qualidade mais linda de um revolucionário”. Assim Ernesto Che Guevara despedia-se dos filhos em sua última carta antes de ser morto na Bolívia. O discípulo missionário teria mais motivos ainda para tornar próprias estas palavras: todas as angústias do mundo são suas angústias, todas as alegrias são suas alegrias, todos os sonhos são os seus sonhos. Hoje, o cristão é chamado, por vocação, mais do que qualquer outra pessoa, a ser universal, ou seja, uma pessoa que tem responsabilidade não só sobre si, mas sobre o mundo inteiro através de suas opções, suas atitudes, sua consciência e seus compromissos. Numa época de globalização como a nossa, não é mais possível pensarmos em termos paroquiais, regionais ou nacionais: são pequenos demais. Se houver salvação, será uma salvação para a humanidade e a criação toda. Se houver *paz, justiça, fraternidade, vida plena para todos*, será em termos planetários ou não será.

É preciso, portanto, nos educar a uma espiritualidade universal (cf. *DAP* 376). Muitas vezes lembra-se aos cristãos que eles são missionários pelo batismo e por sua própria vocação (cf. *DAP* 284 – 285; 377), mas não se recorda, com o mesmo ânimo, que são *universais*, “católicos”, e que têm compromissos com o mundo inteiro. Sem essa característica se desvirtua completamente o ser discípulo missionário. A paixão pelos povos, própria da vocação cristã *ad gentes*, se expressa no sentir e no vibrar profundamente pela humanidade inteira, e em ser capaz de realizar gestos simples, ousados e concretos de solidariedade e de partilha com os outros povos, até o envio de missionários e missionárias além-fronteiras. Em outras palavras, “pensar mundialmente e agir localmente”. Só assim nos tornaremos um sinal profético de uma nova humanidade mundial, fraterna e multicultural.

## 9. Comunhão eclesial

Se nem todos os batizados podem partir para uma missão além-fronteiras, todos porém são chamados a participar dessa missão se alguma maneira: espiritualmente, com “orações e penitências em vista de tornar fecunda a atividade missionária”; economicamente, para “não permitir que faltem os recursos necessários à missão” (*AG* 35); vocacionalmente, para que

---

<sup>18</sup> “Uma Igreja local não pode esperar atingir a plena maturidade eclesial e, só então, começar a preocupar-se com a missão para além de seu território. A maturidade eclesial é consequência e não apenas condição de abertura missionária. Estaria condenando-se à esterilidade a Igreja que deixasse atrofiado seu espírito missionário, sob a alegação de que ainda não foram plenamente atendidas todas as necessidades locais” (CNBB. *Igreja: comunhão e missão*, 119).

“venham a surgir futuros mensageiros do Evangelho” (AG 39). A dimensão universal da missão jamais deve ser vivida como uma aventura isolada: a missão além-fronteiras é sempre um trabalho em mutirão que expressa um forte espírito comunitário e eclesial

Para que isso aconteça é necessário que se faça uso dos meios de comunicação, para que todos os batizados conheçam “a situação da Igreja no mundo e ouçam a voz das multidões que estão gritando”. Informar é a primeira tarefa de uma animação missionária<sup>19</sup> do povo de Deus (cf. *RMI* 83), pois o que se desconhece não se ama, e o que não se ama não desperta nenhum desejo de “sentir como própria a atividade missionária”, e de “abrir o coração diante das imensas e profundas necessidades de populações inteiras e das inúmeras formas possíveis de ajuda” (AG 36).

O Concílio Vaticano II, na eleição da Igreja local como sujeito da missão *ad gentes* (cf. AG 20), se refere a ela não apenas como protagonista da missão contextual, e sim também da missão universal, seguindo o princípio da *comunhão de igrejas*. Pois, se a Igreja toda está na Igreja local (“nestas comunidades, embora muitas vezes pequenas e pobres ou dispersas, está presente Cristo, por cuja virtude se reúne a Igreja una, santa, católica e apostólica” – LG 26), é verdade também que a Igreja local não é toda Igreja. A Igreja se constitui também como *comunhão de igrejas*, pelo mesmo princípio de *comunhão* que faz a Igreja ser Igreja, tanto num contexto particular como também na extensão universal. Desta maneira a Igreja que resulta da comunhão das Igrejas locais é a mesma que se realiza no interior destas últimas. Há, portanto, uma mútua inclusão entre Igreja local e Igreja universal.<sup>20</sup> A Igreja universal não é a soma das igrejas locais, e nem é identificável apenas com a Igreja de Roma. Trata-se de uma *dimensão* essencial da Igreja que se expressa na comunhão entre todas as Igrejas locais. O adjetivo local não significa uma restrição da universalidade, mas indica o lugar no qual a universalidade deve concretamente mostrar-se.

Por esse caminho, o Concílio articula particularidade e universalidade, localidade e catolicidade à procura de uma autêntica plenitude da Igreja. Se a Igreja é plenamente Igreja num contexto histórico definido, pelo princípio da encarnação, a mútua reciprocidade com as outras Igrejas é “a garantia que essa concreteness da Igreja local não se resolva no particularismo étnico e cultural, incapaz de amor católico, e que, por outro lado, a abertura da Igreja universal não desvaneça em generalidades ou em monolitismos”.<sup>21</sup>

A partir dessas afirmações, e muito mais da nova eclesiologia do Vaticano II, podemos tirar algumas conseqüências óbvias a respeito, por exemplo: “os bispos foram consagrados para a salvação do mundo e não apenas de uma determinada diocese (...) nasce daí a comunhão e a cooperação de cada uma das Igrejas com todas as demais” (AG 38), que se concretiza numa obra de animação missionária, particularmente através das Pontifícias Obras Missionárias, capaz de suscitar gestos de solidariedade e de fraternidade, como oferecer “às missões alguns dentre os seus melhores padres” (AG 38).

Por tabela, essa paixão pela missão *ad gentes* e essa responsabilidade com todas as Igrejas deve animar profundamente o ministério presbiteral (cf AG 39), os institutos religiosos de vida contemplativa e ativa – todos, não apenas os com carisma explicitamente missionário (cf. AG 40) – e a participação ativa dos leigos tanto na animação missionária, como também na ação missionária específica (cf. AG 41).

---

<sup>19</sup> Cf. Congregação para a Evangelização dos Povos. *Cooperatio Missionalis*, n. 2.

<sup>20</sup> Cf. MIRANDA, Mário de França. *Igreja e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 24.

<sup>21</sup> COLZANI, Gianni. *Teologia della Missione*. Padova: Edizioni Messaggero, 1996, p. 127.

## 10. Essência e contexto

O Concílio Ecumênico Vaticano II, do qual celebramos os 50 anos de sua abertura, foi um concílio eminentemente missionário e universal. O Papa João XXIII, na mensagem radiofônica um mês antes do começo dos trabalhos, afirmou que:

“A sua razão de ser [do Concílio Vaticano II] é a continuação, ou melhor a retomada mais enérgica da resposta do mundo inteiro, do mundo moderno ao testamento do Senhor, formulado naquelas palavras pronunciadas com divina solenidade, as mãos estendidas rumo aos confins do mundo: «Ide, portanto, fazei discípulos todos os povos»”.<sup>22</sup>

O grande mandato de Mateus torna-se um dos lemas do evento, o trecho bíblico mais citado em suas variadas formas nos documentos finais. O cardeal belga Leo Jozef Suenens, umas das figuras-chaves do concílio, dirá que “essas palavras constituem os próprios temas do plano do Concílio”.<sup>23</sup>

Com a presença de cerca 3000 bispos vindos de 116 países dos cinco continentes, e 192 pastores de outras igrejas e representantes de outras religiões pela primeira vez hóspedes na Basílica de São Pedro, o Vaticano II foi definido por Paulo VI um “espetáculo de universalidade”. Era a primeira vez na história que isso acontecia, pois os concílios anteriores agregavam um número bem mais limitado de bispos, quase todos da Europa. O maior Concílio até então tinha sido o Vaticano I (1869-1870), com 642 prelados.

Pois bem, foi exatamente o Concílio Vaticano II, depois de um longo e conturbado caminho, que deu vida a um novo consenso em torno da missão *ad gentes*, na vontade de superar uma concepção focalizada exclusivamente na organização das “missões” em terras não-cristãs, para uma concepção mais ampla e articulada de uma missão global da Igreja no mundo contemporâneo. Ao declarar que “a Igreja peregrina é por sua natureza missionária” (AG 2), o Concílio apontava para uma essência da Igreja, mais que a uma atividade específica de expansão nos países não-cristãos.

Com efeito, a Igreja já se encontrava numa situação de diáspora diante da fragmentação e da multi-culturalidade do mundo globalizado. A hegemonia das tradições religiosas em determinados territórios tinha deixado lugar ao pluralismo possível, graças às encruzilhadas proporcionadas por tecnologias, mercados, mobilidades humanas e aglomerações urbanas. Nesse contexto a missão *ad gentes* ampliava por inércia seu âmbito de ação não apenas às fronteiras geográficas, mas aquelas também sociais e culturais.<sup>24</sup> Antigamente, na mentalidade da cristandade, coincidia exclusivamente com a missão *ad extra*, em territórios culturalmente não-cristãos. Hoje, parece impor-se como realidade em qualquer lugar, particularmente nos contextos de antiga tradição cristã. Nesse contexto, as palavras “todos os povos” do grande mandato de Mateus, devia indicar “todos os povos” *mesmo*, e não apenas os povos não cristãos.

Contudo, se de um lado a missão foi redescoberta como essência teológica pelo Vaticano II, é verdade também que existem contextos e situações particularmente desafiadores, que requerem

---

<sup>22</sup> ENCHIRIDION VATICANUM. 1. *Documenti ufficiali del Concilio Vaticano II 1962-1965*. O asterisco depois da número do parágrafo é indicado por essa mesma fonte, para distinguir os discursos pontifícios dos documentos conciliares. EV 25\*f.

<sup>23</sup> WITTSTADT, K. Às vésperas do Concílio Vaticano II. In: ALBERIGO, G.; BEOZZO, J.O. (Coords.) *História do Concílio Vaticano II*. v. I, p. 433, apud SUENENS, L.J. *Aux origines du Concile Vatican II*, p. 4.

<sup>24</sup> Cf. o capítulo IV da *Redemptoris Missio*: “Os imensos horizontes da missão *ad gentes*” (RMI 31 – 40).

uma ação específica distinta de qualquer ação pastoral e que chamamos especificamente de “missão” (cf. AG 6). Caso contrário, se tudo é missão, nada mais é missão. Esses contextos e situações se definem: (1) pela falta/necessidade de um primeiro anúncio do Evangelho; (2) pela falta/necessidade da presença de uma comunidade cristã; (3) pela falta/necessidade de uma transformação social pelos valores do Evangelho. Esses contextos são especificamente missionários, deixando de ser na medida que se alcança níveis satisfatórios de discipulado, de testemunho e efetiva mudança social.

Além disso, precisamos prestar atenção a um aspecto básico que tratamos anteriormente: se a missão *ad extra* (além-fronteiras) não detém mais nem a exclusividade de todo discurso missionário da Igreja, nem o mesmo sentido de implantar a Igreja, ela porém continua a fazer parte dos compromissos essenciais de cada igreja local como expressão de sua catolicidade e de comunhão com as outras igrejas. Sem uma dimensão universal explícita qualquer missão perde seu sentido mais autêntico e seu exemplo de atuação (cf. RMI 34).

## Conclusão

A missão aos povos sempre foi, é e sempre será a grande tarefa da Igreja, assumida por suas comunidades às vezes com certa resistência. Repetidas vezes se tenta minimizar, postergar ou até depreciar esse desafio, com a desculpa-urgência que a missão está aqui no nosso meio, ou que a missão passou a ser outra coisa. Acabar com a missão *ad gentes* é acabar com a graça da missão. Assim como a palavra “missão”, também a palavra “míssil” vem da mesma raiz “missio”, que quer dizer “envio”. O míssil não é feito para ficar parado. Da mesma forma a Igreja também não é feita para ficar apenas constituída em suas instituições, em seus assentos e em suas estruturas: ela foi criada para pegar fogo e se lançar ao mundo. Essa é sua natureza!

Talvez o receio de invadir o espaço do outro, de importunar as culturas, de promover sem querer uma conquista espiritual com as melhores das intenções, nos leve a um preconceito e a uma relutância contra essa perspectiva. Os traumas e as cicatrizes do passado contam de profundas feridas na alma dos nossos povos. É uma história que não gostaríamos de repetir sem mais nem menos.

É fundamental, como dissemos, ter discernimento, atitude penitencial e aprender a prestar atenção às assimetrias criadas por sentidos de superioridade e aproximações voluntaristas. Por outro lado, o Pe. Comblin nos convida também a essa interessante reflexão:

“A irredutibilidade das culturas tende a desanimar toda tentativa missionária. Em certos casos, ela levou a propor certas posições pastorais que são válidas até certo ponto e de modo muito relativo. Assim a evangelização do semelhante pelo semelhante. O evangelho tende a mostrar que, muito pelo contrário, a evangelização radical é obra do estrangeiro. Uma mensagem comunicada pelo semelhante ao semelhante reduz-se facilmente a um puro monólogo. O interlocutor ouve-se a si mesmo e encontra prazer e satisfação na palavra, porque ele se ouve e se reconhece. Com essas condições não há evangelização possível. Pois esta vem da parte de fora e exige que o sujeito se abra a uma novidade e esteja disposto a romper os seus hábitos mentais e vivenciais. Jesus foi um estrangeiro, e todos os missionários também aparecem como estrangeiros. Não procuram ocultar essa condição. Jesus não quis atenuá-la no caso dos seus discípulos: não os mandou para os seus semelhantes e sim para todas as nações do mundo cuja cultura lhes era completamente alheia”.

E continua:

“Crer na missão é também crer que há em todas as pessoas uma abertura fundamental, uma capacidade de recepção de mensagens situadas além da cultura, um apelo virtual a uma luz

própria. Crer na missão é crer que a pessoa não fica presa dentro da sua cultura, isto é, dentro de uma personalidade autônoma e fechada”.<sup>25</sup>

Que o Espírito do Senhor nos ensine sempre a crer firmemente na missão, a não viver uma fé introvertida e intimista, e nos abra continuamente as portas para sair de nós mesmos, de nossas comunidades e movimentos, de nossas paróquias e de nossas dioceses. “Para nos converter e uma Igreja cheia de ímpeto e audácia evangelizadora, temos que ser de novo evangelizados” (cf. DAp 549) no encontro com os povos, com os outros, com os pobres, além de toda fronteiras, como discípulos missionários comprometidos com a transformação do Brasil para um mundo melhor.

---

<sup>25</sup> COMBLIN, José. *Jesus enviado do Pai*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 19-20.